



JUVENTUDE NAS IGREJAS E FORA DELAS: CRENÇAS, PERCEPÇÕES DA POLÍTICA E (DES) VINCULAÇÕES*

Silvia Regina Alves Fernandes**

1. Introdução – o problema e os campos temáticos.

O crescimento das Igrejas pentecostais e de novos movimentos religiosos que tendem a atrair jovens de diversas camadas sociais tem motivado os estudos sobre a relação entre religião e juventude no país. Um argumento frequente dos estudiosos é que a pertença religiosa dos jovens a essas Igrejas de caráter revivalista¹ pode desmobilizá-los quanto à participação cívica e quanto a ações que visem a promoção da mudança social e, por outro lado, jovens sem-religião tenderiam a apresentar maior vinculação com a política. Algumas pesquisas mostraram que, embora o segmento juvenil no Rio de Janeiro apóie determinadas formas de participação sociopolítica, este apoio não tem se convertido necessariamente em ação ou engajamento sociopolítico (Novaes; Mello,

* Projeto aprovado pela Fundação de Amparo – FAPERJ na modalidade de Auxílio à Pesquisa. A pesquisa integra ainda o Programa Pensa Rio: Desenvolvimento, Trabalho e Cidadania no Rio de Janeiro: as experiências da Baixada e do Sul Fluminense. A primeira versão deste texto foi apresentada no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia - SBS, UFRJ, 2009.

** Dr^a Ciências Sociais, Prof^a UFRRJ.

¹ Caracterizadas pela ênfase na emoção, no intimismo religioso e na hipervalorização do *self*.

TOMO	São Cristóvão-SE	Nº 14	jan./jun. 2009
------	------------------	-------	----------------

2002). Este texto - fruto de uma pesquisa em andamento - tem como principal objetivo a elaboração de um perfil religioso e sociopolítico de jovens habitantes em municípios da Baixada Fluminense, de modo a sugerir algumas hipóteses interpretativas para a relação entre juventude, religião e política nas regiões metropolitanas brasileiras.

A mobilização de uma parcela da juventude para as propostas religiosas de diferentes instituições e grupos despertam interesse pelo fato de que nos últimos anos as taxas de associativismo da população vêm declinando no país. Constata-se uma tendência ao desprezo ou indiferença aos partidos políticos e uma mobilização para atividades voluntárias, associações em redes, além de certa ênfase no experimental (Ribeiro, 2004), demanda fortemente oferecida pelos novos movimentos religiosos. Adicionalmente, verifica-se que, em relação à política, mais que decretar o fim do interesse dos jovens, cabe investigar as representações que possuem sobre esse campo e quais seriam as novas formas de participação que o segmento juvenil vem produzindo em suas cidades ou localidades.

Os estudos sobre juventude expressam que os jovens agregam duas “forças antagônicas”. Por um lado, a ideia de revolução e por outro, a publicidade, fator este que os constitui como destinatários dos anúncios e propagandas (Ribeiro, 2004). Além disso, poder-se-ia acrescentar que os jovens se constituem como o grupo etário de maior evidência na sociedade brasileira assim como em outras sociedades dinâmicas. Como afirmou Karl Manheim (1954) há aproximadamente meio século, a juventude é o recurso latente de uma sociedade e a vitalidade do corpo social dependerá de como esse recurso será mobilizado. (:54).

A categoria juventude no imaginário social brasileiro é construída levando-se em conta diferentes representações simbólicas do termo, seja na esfera pública seja na esfera privada. A variável principal para o recorte do segmento “juventude” - embora sem muito consenso entre os analistas - é a faixa etária. Segundo a ONU, o segmento juvenil estaria retratado na parcela demográfica que corresponde à faixa etária dos 15 aos 24 anos.

Se considerados os jovens nessa faixa etária, segundo o Censo 2000 do IBGE, tem-se a representação de 20,1% da população brasileira. A

juventude vem cada vez mais se tornando uma agenda de intervenção pública (Pochmann, 2004, p. 217), mas é importante ressaltar que o consenso de que a condição juvenil não pode ser tratada como uma temática homogênea tem se intensificado.

Uma pesquisa sobre o perfil da juventude brasileira (Abramo; Branco, 2005) identificou que 69% dos jovens nunca pensaram em realizar nenhum tipo de trabalho social que revertesse em benefício para a sua comunidade, 85% não participam de nenhum grupo de jovens. Perguntados sobre participação em atividades ligadas à política, considerando-se uma periodicidade ocasional (“de vez em quando”) 51% declararam ler ou assistir noticiário sobre política, 16% tentam convencer a outros a votar em seus candidatos; 15% assinam manifestos de protesto ou reivindicações, dentre outras atividades que desenvolvem nesse campo temático.

Se a variável religião ou pertença religiosa fosse agregada a estas respostas encontraríamos diferenças significativas? Quais seriam as relações possíveis de serem estabelecidas entre religião e política para a juventude da Baixada Fluminense/RJ? Como os jovens provenientes de municípios profundamente marcados pela precariedade da atuação do poder público e pela violência representariam a política e a religião? Estas seriam esferas antagônicas ou a religião poderia catalisar para a atuação sociopolítica dos jovens? Haveria modelos de participação política que os jovens vinculados a uma determinada instituição religiosa estariam experimentando? Ou haveria entre eles um comportamento de indiferença e desinteresse generalizado por participação política, independentemente de vinculação a instituições religiosas?

Considere-se que há uma diversidade de espaços em que a política pode se realizar. Além disso, as juventudes podem se apresentar com perfis antagônicos em função de pertencimentos sociais diversificados, por sistemas de linguagem e discriminação diversos; por relações de gênero, religião e posição socioeconômicas também distintas. Neste sentido, o estudo aqui apresentado buscou não homogeneizar os jovens estudados. Pretendeu-se compreender se a vinculação religiosa ou a ausência de pertencimento religioso são variáveis importantes no que se refere à participação sociopolítica.

1.1 Tendências na relação entre religião e juventude no Brasil.

As pesquisas que vêm sendo realizadas apresentam resultados diversos a respeito do pertencimento religioso dos jovens. Um estudo que investigou jovens universitários no Rio de Janeiro (Novaes 2001) apontou que 64,1% não possuem religião, restando 34% que declararam vinculação a alguma instituição religiosa. Dentre estes, o catolicismo predominava, seguido do espiritismo (22,9%). Cerca de 18% declararam-se protestantes, sendo 12% de Igrejas históricas e 6,3% de Igrejas pentecostais; 4,2% declararam-se pertencentes a religiões afro-brasileiras e 4,2% informaram pertencimento ao judaísmo. Os universitários que se declaravam ateus e católicos apresentavam menor interesse por problemas sociais e políticos, mas a autora propõe que novos estudos sejam realizados para confirmar ou negar essa tendência.

Outra pesquisa feita em todo o estado do Piauí (Medeiros; Fernandes, 2005) demonstrou que a maior proporção de pessoas sem-religião - 42,8% - possuía a menor faixa etária (18 a 25 anos).

Na Baixada Fluminense, locus de realização da presente pesquisa, no ano de 2000 o Censo apontava a existência de cerca de 2,5 milhões de habitantes. Uma atualização populacional em 2005 divulgada pela Fundação CIDE totalizou 3,6 milhões de habitantes nos 13 municípios da Baixada².

No que se refere à população na faixa etária investigada na presente pesquisa (15 a 24 anos) e residente na Baixada Fluminense, no ano de 2000 havia 627.654 pessoas, sendo que os municípios que concentram maior número de jovens nessa faixa etária são Duque de Caxias, com 146.525 jovens; Nova Iguaçu³, com 173.283 jovens e São João de Meriti com 84.665 jovens. Assim, no ano 2000, considerando-se os municípios da Baixada Fluminense, o IBGE registrou a seguinte distribuição de acordo com a religião declarada dos jovens na faixa de 15 a 24 anos.

2 Os dados da Fundação CIDE são sistematizados com anos de referência diferentes de acordo com a variável analisada. Assim, quanto às classes de idade da população consideram-se as informações do censo de 2000. Disponível em: <http://www.cide.rj.gov.br> no link: Baixada Fluminense em Dados. Acesso em: 12 set. 2008.

3 Destaque-se que os dados populacionais do município de Mesquita foram contabilizados juntamente com Nova Iguaçu até o ano de 2000, pois apenas em setembro de 1999 ocorreu a emancipação do então distrito de Mesquita.

Tab. 1 - Distribuição dos jovens de 15 a 24 anos de acordo com a religião nos treze municípios da Baixada Fluminense -RJ⁴

Religião	No. de Jovens	%
Católica apostólica romana	260.433	41,5
Evangélicos – de missão	51.528	8,2
Evangélicos – de origem pentecostal	110.152	17,6
Evangélicos – outras religiões evangélicas	8.522	1,4
Espíritas	5.367	0,8
Umbanda e Candomblé	6.313	1,0
Outras religiosidades	14.427	2,3
Sem religião	168.876	26,9
Sem declaração	2.036	0,3
Total	627.654	100

Fonte: IBGE, 2000.

Esses dados permitem que se afirme com segurança que a população jovem (15 a 24 anos) não católica tende a se declarar sem religião⁵. A terceira tendência é a vinculação a Igrejas de origem pentecostal ou neopentecostal que reúne 17,6% dos jovens. Nesse sentido, torna-se fundamental fazer um mapeamento dos jovens na Baixada Fluminense tendo-se como fonte inspiradora esse cenário para a região metropolitana.

No final dos anos de 1970 - período áureo da Teologia da Libertação na Igreja católica em toda a América Latina -, a Baixada Fluminense experimentou uma intensa mobilização da população local por meio das comunidades eclesiais de base (CEBs), pequenos núcleos da Igreja católica que visavam o favorecimento de reivindicações populares na solução de problemas locais ligados a saúde, saneamento etc. Quais seriam as transformações observadas ao longo das últimas quatro décadas no que se refere à atuação do catolicismo na região da Baixada? Obviamente que a atuação da Igreja católica no Brasil ao longo desse período pas-

4 Tabela construída a partir do banco de dados SIDRA – IBGE. Acesso em: 08 abr. 2009.

5 Um percentual aproximado (21,2%) referente a jovens sem religião foi encontrado em estudo com amostra aleatória contemplando 800 jovens no Rio de Janeiro. (Novaes; Mello, 2002).

sou por alterações profundas ligadas diretamente ao pontificado de João Paulo II que puniu teólogos da libertação e abriu espaço para o arrefecimento de uma linha de atuação pautada na junção de elementos da fé religiosa a aspectos fundamentais da realidade social que precisariam, na visão dos agentes das CEBs, ser transformados.

Quase quatro décadas após o boom progressista, o discurso de um catolicismo de esquerda ainda faria eco junto ao segmento juvenil em municípios da Baixada Fluminense? Que novas relações os jovens católicos ali situados estabeleceriam entre a participação ativa no catolicismo e a participação sociopolítica?

Os dados de nossa pesquisa mostram que as atividades ou grupos que têm agregado jovens católicos na Baixada são: grupo de Congregados Marianos, Renovação Carismática Católica, CEBs, grupo de teatro, bandas musicais e curso de preparação à Crisma, além do tradicional grupo jovem que funciona com palestras e eventos promovidos pela pastoral da juventude, mas que se encontra em crise de identidade no momento. Esta crise se mostra acentuada e expressa a redefinição da atuação do segmento juvenil católico nos últimos anos. A Igreja tem atuado na produção de textos que orientam o trabalho com a juventude e que propõem uma organização que fortaleça o Setor Juventude. Essa organização se sobreporia à Pastoral da Juventude (PJ) que atuou de forma mais politicamente engajada na década de 80 e meados de 90. Entretanto, com a mudança de orientação ideológica do bispado brasileiro - que passa de uma linha mais crítica no que tange à realidade sociopolítica para uma linha mais moderada - os grupos da PJ ficaram sem rumo e em muitas dioceses brasileiras houve conflitos entre os bispos e os jovens da Pastoral da Juventude. A proposta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) de consolidar o Setor Juventude sinaliza para uma pulverização dos grupos com maior atuação sociopolítica e uma integração, num único setor, de toda e qualquer atividade que a Igreja promova tendo como foco a juventude. Esta proposta provoca a preservação de uma especificidade enquanto simultaneamente enfraquece os grupos mais articulados ou com maior potencial de contestação sociopolítica e até mesmo doutrinária.

No que se refere ao pentecostalismo – outro campo de investigação dessa pesquisa - a compreensão de seu papel social passava pela consi-

deração de que enquanto a urbanização acelerada não fosse capaz de atender as demandas dos pobres, esse tipo de instituição e proposta religiosa propiciaria canais de ascensão social às massas, além de direcionar as suas frustrações para um universo tido como sagrado. Assim, as teorias marxistas de expropriação e alienação eram utilizadas para classificar o pentecostalismo como um tipo de religião ahistórica e apolítica.

A premissa da não-politização teve que ser complexificada ao longo dos anos. Sobretudo a partir da década de 80, o pentecostalismo⁶ muda significativamente com o surgimento de novas Igrejas com arrojo midiático, teologia da prosperidade - que estimulava os pobres para a busca de ascensão material por meio da fé - e articulações para inserção na esfera da política partidária, ainda que com predomínio de interesses corporativos. Assim, Igrejas como a Universal do Reino de Deus - IURD e a Igreja Internacional da Graça incrementam no país o neopentecostalismo cujos discursos prometem sanar todos os males e agruras dos adeptos e demarcam a política como um campo de missão e evangelização. Do mesmo modo, membros de Igrejas do pentecostalismo clássico, como a Assembléia de Deus - AD passaram a atuar com maior intensidade na competição pelo Legislativo Estadual (Machado, 2006)⁷.

Em relação aos jovens que se declaram sem-religião os estudos no país ainda são incipientes (Novaes 2004; Rodrigues 2007; Fernandes, 2008; 2009). Na verdade, a categoria “sem- religião” passou a ser alvo de interesse dos pesquisadores brasileiros há menos de dez anos, a partir dos resultados do último Censo no qual se constatou um crescimento de 4,7% (1991) para 7,4% (2000) de pessoas que se incluem nessa condição. Os estudos mostram, entretanto, que o fato de se declararem sem-religião não faz necessariamente de alguns brasileiros, pessoas menos “religiosas” já que declaram “religiosidade própria” sem vínculos com Igrejas. (Fernandes 2006; 2008).

6 Não obstante o fato de que a literatura (Mariano 1999; Freston 1994;) divide o pentecostalismo classificando as Igrejas em pentecostais ou neopentecostais de acordo com suas características e período de surgimento, essa pesquisa trata o pentecostalismo como categoria englobante. Foram entrevistados jovens de Igrejas pentecostais e neopentecostais, mas a presença da Assembléia de Deus foi predominante.

7 A autora analisa a atuação parlamentar de evangélicos eleitos em 2002 para o poder Legislativo Estadual (RJ) e chama a atenção para o grande número de candidatos (27) filiados à AD.

Ainda que se tenha analisado o “jeito” de ser sem-religião do jovem brasileiro, faltam estudos que estabeleçam uma correlação entre o apoliticismo e a falta de religião ou inserção ou engajamento político e não pertencimento religioso. Nesse sentido, a ausência de vínculo com uma religião favoreceria a participação política? Se comparados aos jovens religiosos, aqueles que não possuem religião seriam mais indiferentes ou mais engajados em ações na esfera sociopolítica?

Os estudos de Regina Novaes já citados indicam que os jovens sem-religião não têm se comportado, em relação a vários temas, de modo muito diferente daqueles que a possuem. Por exemplo, perguntados sobre as formas de ação política que mais apóiam⁸, dentre quatro opções, os jovens sem-religião se assemelharam nas respostas dos católicos não-praticantes, evangélicos pentecostais e de religiões orientais e indicaram as manifestações pela paz como o tipo de manifestação que mais apóiam.

Sendo assim, optamos por incluir os jovens sem-religião como grupo de controle nessa pesquisa. Identificar suas ações e representações em relação à política é fundamental para aprofundar o conhecimento sobre os jovens religiosos sejam eles católicos ou pentecostais. Esse primeiro mapeamento na região pode inspirar e nortear mais investigações nesse campo.

1.2 Sobre o universo pesquisado

A pesquisa foi desenhada considerando-se os municípios da Baixada Fluminense que concentravam a maior proporção de jovens na faixa de 15 a 24 anos. Sendo assim, foram incluídos na pesquisa os municípios de São João de Meriti, Duque de Caxias e Nova Iguaçu para a seleção dos templos evangélicos e paróquias católicas. A metodologia previu duas etapas investigativas. Na primeira etapa foi realizado um survey com jovens católicos e pentecostais que frequentavam suas respectivas Igre-

8 As opções apresentadas aos jovens entrevistados foram: 1 - Manifestação pela paz (Reage, Rio Basta! Eu quero paz); 2 - Greve por melhores salários; 3 - Ocupações de terras improdutivas para a reforma agrária; 4 - Manifestação pelo perdão/não pagamento da dívida externa. (Novaes; Melo, 2002, Id.)

jas. Partiu-se do cadastro das Igrejas fornecidos pela Tele Listas⁹ para o desenho amostral das Igrejas evangélicas a serem pesquisadas. No caso das paróquias católicas não houve dificuldades para o mapeamento, pois utilizamos o Anuário Católico publicado pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais – CERIS com atualização até o ano de 2003¹⁰.

A primeira constatação é a de que há um número menor de paróquias do que Igrejas evangélicas nos municípios investigados. A amostra considerou 20% das unidades existentes em cada município, conforme se observa no quadro abaixo. Ao todo foram visitadas 54 Igrejas, sendo 11 católicas e 43 evangélicas pentecostais e neopentecostais.

As pessoas sem-religião foram encontradas por meio de rede de contatos. Garantiu-se que todos os informantes fossem residentes nos municípios da Baixada Fluminense. Embora as pesquisas mostrem que há uma presença expressiva de pessoas sem-religião nas periferias das grandes cidades não foi muito fácil encontrá-los já que não há (ainda) um templo dos que se consideram sem-religião.

Tab. 2 – Universo pesquisado

Município	Paróquias existentes (Anuário católico - 2003)	Paróquias na amostra	Paróquias pesquisadas	Templos evangélicos – Tele Listas (2007)	Templos evangélicos na amostra	Templos evangélicos pesquisados
Duque de Caxias	12	3	3	62	12	12
Nova Iguaçu	23	5	5	128	26	23
São João de Meriti	8	3	3	40	8	8
Totais	43	11	11	230	46	43

Fonte: Fernandes, Sílvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações. 2008

9 Inicialmente tentou-se adquirir o cadastro das Igrejas evangélicas constante nas prefeituras, mas o dado era muito impreciso e desatualizado já que nem todas as Igrejas estão registradas no município.

10 Somente no ano vigente (2009) a Igreja católica publicou dados mais atuais sobre contingente religioso e número de circunscrições eclesiásticas. Até a finalização desse texto ainda não havíamos tido acesso aos números atualizados.

Quanto ao número de informantes obteve-se a seguinte distribuição: 158 jovens católicos e 542 jovens evangélicos, totalizando 700 informantes. Os jovens eram entrevistados no próprio templo por meio de contato prévio com o pastor, padre ou líder religioso responsável pelas atividades ligadas à juventude. O preenchimento do questionário era feito antes ou depois das atividades religiosas (missas, culto, Escola Bíblica etc.) conforme o líder religioso considerasse mais conveniente.

2. Caracterização das paróquias e Igrejas evangélicas.

2.1 Paróquias

As paróquias católicas nos municípios pesquisados estão localizadas em lugares com razoável infra-estrutura no que se refere a saneamento básico, acesso aos meios de transporte e a serviços comerciais. A estrutura física das Igrejas em geral apresenta boas condições ainda que algumas necessitem de pequenas reformas. As entrevistas com os párocos para explicações sobre a pesquisa e pedido de autorização transcorriam em ambiente reservado (uma sala na secretaria ou na própria casa paroquial) e duravam cerca de uma hora. Além da Igreja onde são realizadas as missas, cada paróquia possui salas circundantes e que servem como local de realização das diversas atividades pastorais. A casa dos padres tanto pode estar acoplada à Igreja quanto próxima a esta (do outro lado da rua ou nos fundos da Igreja).

Vale observar que muitas paróquias possuem uma pequena loja onde são vendidos artigos religiosos como livros, medalhas de santos, terços, velas, cartões com mensagens bíblicas etc. Em algumas delas a funcionária responsável pelos serviços de secretaria atende também na loja, mas há casos nos quais a loja fica sob a responsabilidade de outros leigos, que por vezes prestam trabalho voluntário.

As Igrejas possuem os símbolos tradicionais do catolicismo, ou seja, imagens de santos, velas, cruz e ainda panfletos litúrgicos. Nas paredes das secretarias se observa anúncios das atividades da paróquia, tais como o horário das missas e de alguns encontros que serão realizados, convocações, cartazes de eventos, todos afixados em murais.

Os padres nem sempre estão presentes nas paróquias já que atendem a uma rede de comunidades e, em alguns casos, estudam ou atuam fora das dioceses. A maioria utiliza o carro paroquial para fazer o percurso nas comunidades ou o fazem de bicicleta.

As atividades mais observadas foram missas e grupo jovem. Uma constatação da maioria dos padres é a de que há poucos jovens envolvidos com as atividades da Igreja e consideram ser este um dos desafios para a Igreja católica no Brasil.

2.2 As Igrejas evangélicas

As Igrejas evangélicas estão presentes por toda parte nos municípios pesquisados, ou seja, tanto nos locais centrais, de fácil acesso, quanto em grotões nos quais os pesquisadores tiveram dificuldades de localizar e chegar. Ruas sem nome, não asfaltadas, nas quais se constata a ausência plena do poder público. Ali se erguem templos que, em vários casos, sequer apresentam o nome na fachada. As Igrejas que apresentam melhor infraestrutura são as Assembléias de Deus e Universal do Reino de Deus, mas há muitas Assembléias de Deus ainda em fase de construção, assim como outras pequenas denominações, o que confirma a expansão do pentecostalismo e neopentecostalismo na periferia das metrópoles (Mafrá, 1998). Nas Igrejas evangélicas a organização do espaço é semelhante a observada nas paróquias, obedecendo à estrutura de um templo propriamente dito no qual ocorrem os cultos e celebrações. Há ainda um entorno de salas que servem às escolas dominicais ou outras atividades de evangelização promovidas pelas Igrejas. Cartazes de divulgação de eventos e horários das atividades são afixados em murais. Em alguns templos observa-se a história da Igreja, com data de fundação e nome do pastor fundador.

Algumas entrevistas com os pastores transcorreram em clima de cordialidade e cooperação com a pesquisa. Outras, no entanto, foram secas e formais e os pastores pareciam ceder ao apelo da pesquisa por mera educação, já que quando percebíamos silêncios ou resistências comentávamos sobre a realização da pesquisa em outras Igrejas de sua denominação. A Igreja Assembléia de Deus foi a mais receptiva dentre todos

os templos que caíram na amostra. Há um sem-número de Igrejas neopentecostais pouco conhecidas sobre as quais é impossível prever o futuro institucional já que se observou baixo número de adeptos e infraestrutura mínima.

A presença dos jovens na faixa etária mapeada pela pesquisa também não é grande nas Igrejas evangélicas. Mas estas parecem apresentar maior dinâmica convocatória do que as paróquias. A juventude é um tema em foco tanto para as lideranças evangélicas quanto para os padres católicos, mas entre esses últimos observou-se maior acomodação com a situação atual de ausência dos jovens nas Igrejas e um posicionamento pouco propositivo em relação a atração desse segmento para as Igrejas. A baixa capacidade convocatória da Igreja católica é um dado cultural, já que o catolicismo é a religião fundante e estabelecida, mas essa atitude em tempos de pluralismo religioso pode se tornar extremamente perigosa para a própria instituição que almeja manter seu lugar hegemônico na sociedade brasileira.

3. Perfil sociorreligioso dos jovens católicos e evangélicos.

Confirmando dados de pesquisas anteriores realizadas com a população, entre os jovens a presença das mulheres nas Igrejas também é majoritária. Assim, a distribuição dos entrevistados no universo católico foi de 49,8% moças e 45,8% de rapazes. Entre os evangélicos 42,7% eram rapazes e 50,7% eram moças. Em ambos os universos houve baixo índice de não resposta à pergunta sexo.

A faixa etária dos informantes foi previamente definida conforme explicitado anteriormente. Os jovens católicos apresentaram faixa etária um pouco inferior aos evangélicos. Assim, temos a seguinte distribuição etária nos segmentos religiosos analisados:

Tab. 3 - Faixa etária

Faixa etária	Evangélicos	Católicos
15 a 17	35,8	50,2
18 a 20	34,6	25,1
21 a 24	28,9	24,7
NS/NR	0,7	0,0
Toral	100	100

Fonte: Fernandes, Sílvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações.2008.

Em relação à cor dos informantes constata-se que nas paróquias católicas há presença mais significativa de jovens brancos do que nas Igrejas evangélicas onde se nota predomínio de pardos, mas em ambos os locais de culto, se somados os jovens pretos e , há superação dos que se denominam brancos.

Tab. 4 – Cor/raça

Cor/raça	Evangélicos	Católicos
Branca	27,6	39,5
Preta	20,0	21,0
Amarela	5,9	5,9
Parda	38,6	29,3
Indígena	2,0	0,7
Outras	2,7	2,9
NS/NR	3,2	0,7
Total	100	100

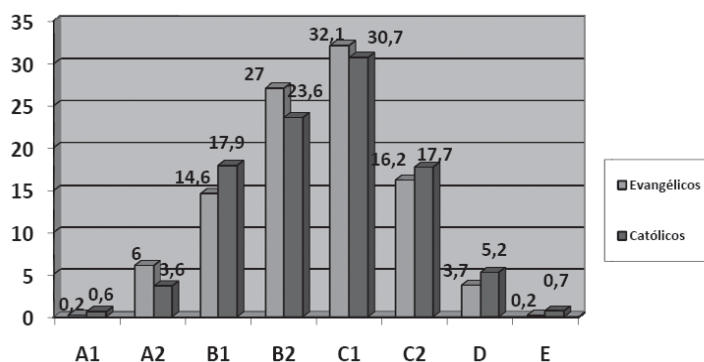
Fonte: Fernandes, Sílvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações. 2008.

A classe social predominante em ambos os grupos é a C1 que corresponde a uma renda familiar de R\$ 1.318,00¹¹. Entretanto, surpreende que no segmento pentecostal exista maior proporção de jo-

11 Confira os critérios da ABEP para classe social de acordo com a renda. Disponível em: <http://www.abep.org/codigosguias/CCEB2008-Base2006e2007.pdf> . Acesso em 02 abr. 2009.

vens na classe A2 que corresponde a famílias com renda de R\$ 7.557,00. Os católicos na classe B1, com uma renda familiar de R\$ 3.944,00 estão em maior proporção do que os evangélicos. No gráfico abaixo, observa-se a distribuição da classe social de acordo com o segmento religioso. Vê-se que nas classes A1 e B1, que reúnem os grupos com maior renda, os católicos estão em situação mais favorecida do que os evangélicos, mas é importante não negligenciar que os evangélicos se destacam nas classes A2, como vimos, e B2, que indicam faixa de renda igualmente alta em relação à maioria da população.

Gráfico 1 – Classe social



Fonte: Fernandes, Sílvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações. 2008.

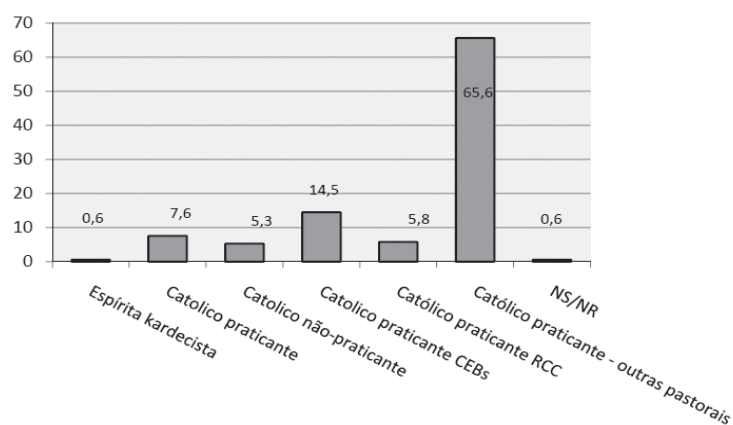
Quanto à distribuição dos jovens nos municípios pesquisados tem-se maior número de informantes nos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São João de Meriti, respectivamente. Esses índices estão em consonância com a amostra dos templos já que do ponto de vista quantitativo eles se apresentam nessa mesma ordem. Assim, entre os católicos temos a seguinte distribuição: 50,2% residem em Nova Iguaçu; 24,7% residem em Duque de Caxias, 21,8% em São João de Meriti; 1,9% dos católicos embora tenham sido entrevistados em templos dos municípios supracitados, residiam em outro município da Baixada Fluminense. Por fim, 1,3% residiam em outro município fora da Baixada Fluminense, mas foram encontrados nos templos dos municípios pertencentes à amostra.

Entre os evangélicos a distribuição segue a mesma tendência: 45,3% dos jovens residem em Nova Iguaçu, 29,1%, em Duque de Caxias e 15,2% residem em São João de Meriti. Morando em municípios da Baixada Fluminense que não os da amostra encontramos 8,7% dos entrevistados. Residindo em município fora da região e frequentando templos na Baixada Fluminense, encontramos cerca de 1,4%. Um jovem nesse grupo não informou o município de residência.

Esses dados mostram que a territorialidade não é um fator determinante para o acesso aos templos e ofertas religiosas. Um jovem pode morar em um município e frequentar uma Igreja de outra cidade, inclusive distante de seu local de moradia. Convites de amigos, identificação com o templo ou até mesmo simpatia pelo líder religioso podem ser fatores de atração e adesão dos jovens a determinada Igreja.

Conforme mencionado, os jovens católicos e evangélicos foram entrevistados dentro das Igrejas e, na maioria dos casos, em horários de ocorrência de atividades religiosas. Entretanto, sobretudo no caso das paróquias católicas, foi possível encontrar identidades religiosas não-católicas ou católicas não-praticantes demonstrando que a presença na Igreja não representa prática assídua ou participação religiosa e sequer sentido de participação. O gráfico abaixo ilustra o perfil dos jovens católicos na pesquisa.

Gráfico 2 – Pertença - católicos

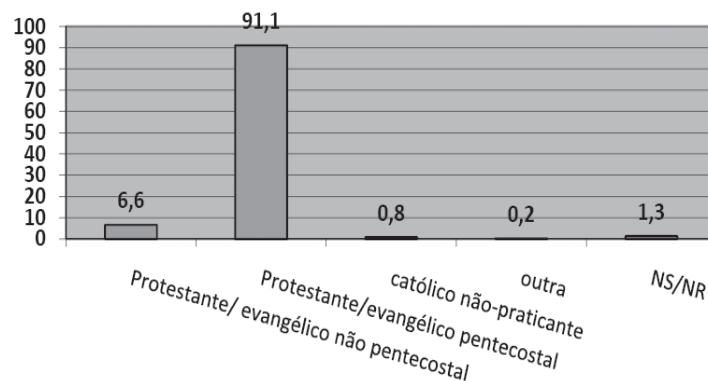


Fonte: Fernandes, Sílvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações. 2008.

Fica evidente que as formas de pertencer ao catolicismo são plurais. Se somados os índices de praticantes tem-se um percentual de 93,5% de jovens católicos que possuem algum nível de atuação na comunidade religiosa. Esses católicos tendem a atuar em pastorais diversas e nas CEBs. Para alguns (7,6%), é suficiente a identidade de católico praticante, enquanto outros (5,3%) não compreendem a presença na Igreja como sinal de prática religiosa e se declaram católicos não-praticantes.

Vejamos o comportamento dos jovens evangélicos.

Gráfico 3- Pertença – evangélicos



Fonte: Fernandes, Sílvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações. 2008.

A maioria dos jovens evangélicos entrevistados nos templos pentecostais e neopentecostais declara-se “evangélicos pentecostais”, mas foram encontrados jovens do protestantismo histórico e católicos não-praticantes nessas Igrejas. Desse modo, confirma-se a circulação de católicos em Igrejas evangélicas, facilitando posterior mudança de religião. No caso das paróquias católicas não foram encontrados jovens evangélicos. Ressalte-se que a identidade religiosa de evangélicos e católicos se expressa em proporções semelhantes sendo que os católicos (93,5%) apresentam pequeno destaque em relação aos evangélicos (91,1%) quando comparamos as declarações de pertença.

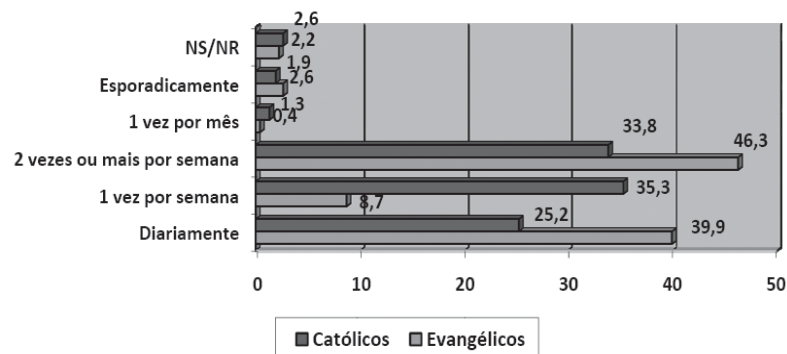
Não obstante o fato de que os jovens foram entrevistados dentro das Igrejas, o que poderia sugerir alta assiduidade, a periodicidade da frequência ao templo é mais intensa entre os jovens pentecostais do que

entre os católicos, fato que corrobora os dados de outras pesquisas (Fernandes, 2006) feitas com população adulta.

Aproximadamente 46% dos jovens evangélicos declararam participar em atividades da Igreja duas vezes por semana e quase 40% participam diariamente em oposição a 25% dos católicos que vão todos os dias à Igreja. Ainda no universo católico aproximadamente 35% dos jovens freqüentam a Igreja uma vez por semana e quase 34% participam duas vezes ou mais de atividades religiosas.

Constatamos, assim, que ainda que a assiduidade mais intensa ocorra entre os evangélicos, ambos os grupos de jovens religiosos atuam nas atividades propostas por suas Igrejas e estas parecem atuar como uma alternativa de vínculo associativo e formação de redes para uma parcela da juventude habitante na Baixada Fluminense.

Gráfico 4 – Frequência da participação



Fonte: Fernandes, Silvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações. 2008.

Em relação ao trânsito ou mobilidade religiosa, os jovens evangélicos se destacaram apresentando maior mobilidade do que os jovens católicos, mas em ambas as tradições religiosas verificou-se a circulação da juventude por várias Igrejas ou religiões. Perguntados sobre há quanto tempo estão em sua religião atual, 56,7% dos jovens católicos responderam que desde o nascimento, ou seja, nunca mudaram de religião, mas há 43,4% que foram aderindo paulatinamente ao catolicismo, declarando

uma periodicidade de adesão bastante variável, ou seja, alguns possuem meses de adesão, ao passo que outros pertencem há dez anos ou mais ao catolicismo. A mesma pergunta feita aos jovens pentecostais resultou nas seguintes proporções: 39% pertencem ao pentecostalismo desde que nasceram e 60% informaram uma periodicidade de adesão que varia entre menos de um ano a até dez anos ou mais demonstrando a existência de uma atitude de experimentação e circulação.

É importante sublinhar, entretanto, que os dados sugerem uma incongruência nas representações que os jovens possuem sobre a própria pertença ou vínculo religioso. Perguntados se já mudaram de religião, 88,1% dos católicos responderam negativamente; 7,4% disseram ter mudado de religião apenas uma vez e 1,9%, duas vezes. Alguns jovens católicos (2,6%) não responderam a essa questão. No universo pentecostal os resultados confirmam a existência de maior mobilidade religiosa entre os evangélicos, contudo, assim como entre os católicos, observam-se algumas inconsistências. Tem-se, 76,8% de jovens pentecostais que declararam nunca terem mudado de religião; 16,3% afirmaram ter mudado de religião apenas uma vez e 1,5% mudaram de religião ou Igreja duas vezes. Entre os evangélicos foi bem maior a proporção dos que por algum motivo não responderam a essa questão, totalizando 4,5%.

Retomando o que denominamos acima de inconsistências nas respostas dos jovens, vimos anteriormente que 56,7% dos católicos afirmaram estar em sua religião desde que nasceram. Como se explica então o fato de que 88,1% nunca mudaram de religião? O mesmo comportamento é observado entre os jovens evangélicos. Se 76,8% nunca mudaram de religião, como se justificaria o fato de apenas 39% dos jovens declararem o pentecostalismo como religião de origem, ou seja, desde o nascimento? A relação de pertencimento e adesão religiosa necessita ser melhor investigada sob o ponto de vista das representações dos indivíduos. Estes podem considerar-se vinculados a uma determinada religião ainda que estejam transitando ou circulando entre outras Igrejas ou propostas religiosas. Por outro lado, os jovens parecem possuir um ideal de pertença que foge do real, ou seja, a situação ideal para eles representaria a permanência em sua religião de origem e por isso tendem a afirmá-la ainda que o vínculo não corresponda à realidade experimentada.

Perguntamos aos jovens sobre suas crenças religiosas. Entre os católicos a crença em Deus é majoritária abrangendo 99,3% dos jovens (apenas uma jovem católica declarou não crer em Deus). No grupo evangélico, surpreendentemente há menor proporção de jovens que crêem em Deus. Sendo assim, 96,9% afirmaram crer em Deus enquanto 3,1% não crêem (em números absolutos esse índice corresponde a 17 jovens). Foi curioso observar que a crença em Maria não abrangeu a totalidade dos informantes católicos. Assim, 87,6% deles crêem em Maria como mãe de Jesus e 72,1% acreditam em sua virgindade. Esse fato revela relativização da tradição ou dogma religioso por parte da juventude católica

Outros ícones do Cristianismo também passam a ser relativizados por alguns informantes religiosos nos dois grupos. Esse dado sugere que a relação com o religioso institucional se apresenta de modo mais tênue também entre participantes das Igrejas, não sendo, portanto, uma característica restrita a população em geral conforme constatado em pesquisas anteriores.

4. Interesses e percepções sociopolíticas

Os jovens foram convidados a expressar suas opiniões a respeito de várias ocorrências e manifestações da sociedade civil a fim de compreendermos suas percepções, interesses e práticas em ações sociopolíticas. Os católicos mostraram-se proporcionalmente mais engajados conforme se observa na comparação das tabelas 5 e 6 abaixo.

Tab. 5 - Percepções sociopolíticas e ações – católicos

	Concorda	Discorda	Concorda e realiza	Discorda, mas realiza	NS/NR	Total
Ocupação de terras improdutivas	53,7	39,4	1,3	3,0	2,5	100
Greves por melhores salários	61,7	24,6	7,4	4,3	1,9	100
Manifestações pela paz	71,8	1,4	21,8	3,1	1,9	100
Abaixo assinado por melhorias no bairro	68,4	5,8	23,4	0,6	1,9	100
Ocupação de prédios públicos	18,6	71,1	4,7	3,1	2,5	100
Manifestações pela ética	69,9	11,6	11,4	4,6	2,6	100

Fonte: Fernandes, Sílvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações. 2008.

Pouco mais da metade dos jovens católicos concorda com ocupações de terras improdutivas demonstrando, portanto, concordância com movimentos sociais, como por exemplo, o movimento dos trabalhadores Sem Terra que realiza ações nessa direção. Do mesmo modo os jovens se mostraram favoráveis à realização de greves por melhores salários; manifestações pela paz; abaixo-assinado por melhorias no bairro e manifestações pela ética. A maioria rejeita a ocupação de prédios públicos.

No tocante ao grau de engajamento nessas ações e manifestações alguns jovens católicos informaram concordar e realizar abaixo-assinados por melhorias no bairro (23,4%); manifestações pela paz (21,8%) e manifestações pela ética (11,4%). Vejamos abaixo o comportamento dos jovens evangélicos pentecostais.

Tab. 6 - Percepções sociopolíticas e ações – evangélicos

Ações	Concorda	Discorda	Concorda e realiza	Discorda, mas realiza	NS/NR	Total
Ocupação de terras improdutivas	41,1	42,3	1,3	3,2	12,1	100
Greves por melhores salários	59,7	25,2	3,5	3,0	8,7	100
Manifestações pela paz	74,1	7,7	9,5	1,6	7,2	100
Abaixo assinado por melhorias no bairro	74,4	4,0	13,7	1,4	6,5	100
Ocupação de prédios públicos	17,3	69,0	1,2	2,6	9,9	100
Manifestações pela ética	63,4	17,5	4,5	3,5	11,0	100

Fonte: Fernandes, Silvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações. 2008.

Os jovens evangélicos mostraram-se divididos em relação à ocupação de terras improdutivas, apresentando um índice de discordância de 42,3% contra 41,1% de concordância com esse tipo de ação dos movimentos sociais. Eles concordam com a realização de greves que visem melhorias salariais; manifestações pela paz; abaixo-assinados para a realização de

melhorias no bairro; manifestações pela ética. Discordam, seguindo a tendência dos católicos, de ações que visem à ocupação de prédios públicos.

Em relação aos níveis de engajamento evidencia-se que os jovens evangélicos tendem a atuar com menor intensidade nessas ações. Assim, 13,7% declararam concordar e realizar abaixo-assinados para melhorias no bairro e 9,5% atuam em manifestações pela paz. Essas duas ações são as mais realizadas pelos jovens evangélicos dentre as opções oferecidas.

Com o intuito de verificar os níveis de interesse e participação dos jovens em atividades sociopolíticas, a pesquisa listou várias possibilidades de participação, indagando sobre aquelas em que eles eventualmente atuam ou gostariam de atuar ou ainda se haveria total desinteresse mediante algumas instituições ou formas de participação. Os resultados indicaram que há maior proporção de jovens católicos atuando em atividades sociopolíticas. As atividades nas quais encontramos exceções a essa tendência, são: agentes de saúde, movimento estudantil e associação de moradores. Nessas ações os evangélicos se destacaram em relação aos católicos, ressaltando-se que a diferença proporcional é muito baixa no tocante à participação em movimento estudantil.

Há maior proporção de católicos atuando nos partidos políticos (6,4%) quando comparados aos evangélicos (3,6%), mas o índice de rejeição é alto em ambos os grupos, totalizando entre os católicos 76,2% de jovens que não participam e nem gostariam de participar de partidos políticos e 73,3% de evangélicos na mesma condição. Grupos de defesa do meio ambiente, ONGs e atividades relacionadas ao campo educacional recebem a simpatia dos jovens de ambas as correntes religiosas. Especialmente Campanhas Solidárias e beneficentes e os próprios grupos de Igreja são as atividades que mais promovem o engajamento juvenil. A tabela abaixo ilustra os níveis de participação em algumas atividades relacionadas ao campo sociopolítico.

Tab. 7 – Atividades e instituições nas quais participam

Atividades e instituições	Católicos (%)	Evangélicos (%)
Grupos de Igreja	89,1	85,1
Campanhas solidárias	34,0	32,6
Visitas a Instituições caritativas	29,0	15,8
Movimento estudantil	19,8	20,8
Clube/associação	20,3	14,4
Voluntário em ONGs	14,1	8,8
Grupo de defesa do meio ambiente	14,2	10,9
Agente de educação	11,4	9,6
Partido político	6,4	3,6
Agente de saúde	4,5	10,5
Associação de moradores	2,6	3,8

Fonte: Fernandes, Sílvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações. 2008

Um indicador importante para verificar os níveis de sensibilização da juventude para a dimensão sociopolítica é a expressão da intenção ou do desejo de atuar nesse campo. Se por um lado, constatamos níveis baixos de atuação em algumas ações, como por exemplo, movimento estudantil, por outro ficou evidente que a ausência de engajamento deve tentar ser compreendida não necessariamente pelo viés do desinteresse juvenil. Assim, perguntamos dentre o mesmo rol de opções, quais seriam as atividades nas quais os jovens gostariam de atuar. Vejamos os resultados.

Tab. 8 – Atividades e instituições nas quais gostariam de participar

Atividades e instituições	Católicos (%)	Evangélicos (%)
Grupos de Igreja	5,9	7,6
Campanhas solidárias	51,2	40,6
Visitas a Instituições caritativas	59,0	49,7
Movimento estudantil	36,3	25,1
Clube/associação	40,4	41,9
Voluntário em ONGs	53,6	42,8
Grupo de defesa do meio ambiente	64,8	46,5
Agente de educação	44,7	40,5
Partido político	8,9	7,1
Agente de saúde	35,0	35,0
Associação de moradores	25,3	15,6

Fonte: Fernandes, Sílvia. Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações. 2008

Evidencia-se que os católicos demonstram maior disposição para o engajamento sociopolítico do que os evangélicos. A exceção fica para os grupos de Igreja, atividade na qual os jovens evangélicos que não estão engajados demonstraram mais interesse quando comparados aos católicos. O desejo de participar de um clube ou associação alcança praticamente a mesma proporção entre jovens católicos e evangélicos.

Os resultados da pesquisa indicam que a Igreja católica tem conseguido maior eficácia no que se refere ao estímulo dos jovens no tocante às ações sociopolíticas, mas em ambas as tradições religiosas - catolicismo e pentecostalismo-, observou-se a ocorrência de algum tipo de incentivo seja dos pastores ou dos padres para o universo participativo abordado nesse estudo¹². A Baixada Fluminense possui, como sinaliza-

12 Os demais resultados dessa pesquisa estão sendo analisados e não puderam ser contemplados nesse artigo em função da exigüidade do espaço. Temas como sexualidade, valores e uso de drogas também foram investigados. A segunda etapa da investigação envolve a realização de grupos de foco visando explorar alguns resultados do *survey*. Um dado importante da pesquisa, que citaremos em outra nota, é que ocorre estímulo dos agentes religiosos para que atuem nesse campo, embora as Igrejas possuam poucas atividades voltadas para a política.

mos no início desse texto, um histórico de atuação da Igreja no campo sociopolítico e embora a Teologia da Libertação tenha se reconfigurado nos últimos anos, o campo religioso católico nessa localidade, sob o ponto de vista do tema em questão, parece seguir a tradição regional de outros períodos históricos, ainda que com menor intensidade.

5. Um panorama sobre os sem-religião.

Os jovens sem-religião entrevistados apresentaram tendências semelhantes aos religiosos, sejam católicos ou evangélicos. Assim, embora os agentes religiosos possam estimular a participação da juventude em ações sociopolíticas, a variável religião ou vínculo religioso parece não se apresentar como determinante para a atuação do segmento juvenil nesse campo. Assim, no universo de trinta e um jovens entrevistados¹³ notou-se um perfil semelhante ao dos jovens religiosos (tab.5 e 6).

A construção de um mosaico religioso não é tão presente entre esses entrevistados, mas cerca de 84% dos sem-religião (vinte e seis jovens) afirmaram acreditar em Deus confirmando que o ateísmo não se configura como uma tendência evidente no segmento juvenil. Deus e Jesus Cristo compõem majoritariamente as crenças dos jovens sem-religião, mas há os que crêem em Maria, em santos, em anjos e até mesmo na Bíblia, embora não componham a maioria dos informantes. Aproximadamente 45% deles costumam fazer orações e quase todos possuíram religião antes de assumir a condição de sem-religião. O catolicismo se configura como a principal religião anterior. Esses jovens também são provenientes de lares majoritariamente católicos, sendo pai e mãe não praticantes do catolicismo.

Perguntados sobre os motivos que os faz considerarem-se sem-religião, um número razoável de jovens (dezoito) ou 58%, garante que sua identidade de sem-religião está pautada na construção de uma religiosidade própria, sem vínculos com Igrejas. Desse modo cinco jovens (16,1%) declararam que esta identidade está fundamentada no descrédito pelas

¹³ Esse grupo, como indicamos anteriormente, constituiu-se como grupo de controle da pesquisa.

religiões. Nota-se, portanto, que os símbolos da crença são majoritariamente cristãos, mas a não-pertença demarca a identidade, nesse caso, não institucional, mas curiosamente religiosa.

No tocante à atuação sociopolítica vimos que os sem-religião não se diferenciam significativamente dos jovens religiosos. Assim, 48,4% atuam em campanhas solidárias; 19,4% em movimento estudantil; 16,1% em instituições caritativas; 3,2% em partidos políticos; 12,9% como voluntários em ONGs; 6,5% em associações de moradores; 6,5% atuam em grupos de defesa do meio-ambiente; 12,9% participam de clubes e 22,6% atuam como agentes educacionais em escolas.

Cabe lembrar que esse grupo de jovens sem-religião funcionou como grupo de controle da pesquisa. Por outro lado, esses dados sugerem que parece haver uma mediana nas atividades que atraem a juventude em geral e o fato de os jovens não possuírem uma religião não altera seu comportamento sociopolítico de modo significativo, como parecia sugerir a pesquisa de Regina Novaes com os jovens ateus universitários (Novaes, 2001).

6. Breve síntese das tendências observadas.

A pesquisa demonstra que formas menos rígidas de pertencimento religioso e político tem se estabelecido entre a juventude, não havendo necessária apolitização, mas antes ausência de oportunidades para atuação sociopolítica, especialmente para os jovens moradores da Baixada¹⁴. As Igrejas oferecem oportunidades no campo das ações sociocomunitárias e educativas, mas não têm demonstrado atuação relevante na esfera política, entretanto, estimulam os jovens a atuar nessa esfera¹⁵.

Os vínculos com a Igreja ou religião demonstram novos modelos de pertencimento já que, apesar de terem sido entrevistados nas Igrejas,

14 A questão da ausência de oportunidades foi mencionada por vários jovens nos grupos de foco que realizamos como segunda etapa da pesquisa, perfazendo a fase qualitativa.

15 Entre os católicos, 90,5% dos jovens entendem que sua Igreja os estimula. As pastorais são a forma mais citada de estímulo (72,2%) para os católicos. Entre os evangélicos, o estímulo também é alto, mas um pouco menor. Assim, 78,6% sentem-se estimulados pela Igreja a atuarem no campo sociopolítico. A principal forma de estímulo, entretanto, diferentemente dos católicos, se dá por meio do líder religioso ou pastor (69,7%).

nem por isso demonstraram um comportamento homogêneo quanto à atuação na vida religiosa. Essa tendência mais heterogênea de pertencimento e de construção identitária é maior entre os católicos. Entre católicos e evangélicos a fluidez na pertença foi observada ainda no rol de crenças declaradas. Surpreendentemente, os evangélicos acreditam menos nos ensinamentos da Bíblia (72,2%) do que os católicos (78,1%) e a crença em Jesus Cristo não se apresentou de modo unânime em ambos os grupos, ficando na casa dos 90% de informantes, índice alto, mas que não representa a totalidade dos informantes religiosos como talvez fosse de se esperar. O breve espaço desse artigo não permite explorar todos os dados da pesquisa, mas esperamos ter sinalizado para o fato de que há muito a conhecer no universo juvenil, sobretudo quando se pretende compreender as relações entre religião e formas de vínculos associativos e construção identitária entre os jovens.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo (Orgs) et. Alli. **Retratos da juventude brasileira – análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005, p.403.

CIDE – Fundação - Disponível em: [http:// www.cide.rj.gov.br](http://www.cide.rj.gov.br) no link: Baixada Fluminense em Dados. Acesso em: 12 set. 2008.

CHAVES JÚNIOR, Elizeu O. Políticas de juventude: evolução histórica e definição. **Cadernos Juventude**. Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Disponível em: <<http://www.bireme.br/bvs/adolesc>>. Acesso em: 12 de set. 2007.

FERNANDES, Sílvia R. (Org.). **Mudança de religião no Brasil - desvendando sentidos e motivações**. São Paulo: Palavra e Prece, 2006, p. 235.

FERNANDES, Sílvia R. A. Sem religião e identidades religiosas - Notas para uma tipologia. **Interseções** – Revista de Estudos

Interdisciplinares. Rio de Janeiro: Contra Capa/UERJ, NAPE, ano 10, número 1, p. 31-46. 2008.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. **Nem anjos nem demônios – interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Vozes: Petrópolis, 1994, p. 67-159.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Política e Religião – a participação dos evangélicos nas eleições**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 179.

MAFRA, Clara. O cuidado das multidões e as teorias persecutórias. Trabalho apresentado no XXI Encontro Anual da ANPOCS, Mimeo, 1998.

MANHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. **Diagnóstico de nosso tempo**. Zahar editores: Rio de Janeiro, p. 47-72, 1973 [1954].

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais – sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MEDEIROS, Kátia; FERNANDES, Silvia Regina A. (Orgs.) **Catolicismo e experiência religiosa no Piauí** – pesquisa com a população. Rio de Janeiro: CERIS; São Paulo: Loyola, 2005, p. 286.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito da época” e novos sincretismos - notas preliminares. **Estudos Avançados**, vol. 18, nº 52. p.321-330, USP: São Paulo, 2004.

NOVAES, Regina; MELLO, Camelo Cecília. Jovens do Rio – circuitos, crenças e acessos. **Comunicações do Iser**, nº 57 – ano 21. Rio de Janeiro: Iser, 2002.

NOVAES, Regina. Juventude e religião; marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. **Fiéis & Cidadãos – percursos de sincretismo no Brasil**. SANCHIS, Pierre (Org.). Rio de Janeiro: Eduerj, p.181-207.2001.

POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: **NOVAES** Regina; **VANNUCHI** Paulo (Orgs.). **Juventude e Sociedade – trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 217-241, 2004.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: **NOVAES** Regina; **VANNUCHI** Paulo (Orgs.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p.19-33, 2004.

RODRIGUES, Denise. Religiosos sem Igreja – um mergulho na categoria censitária dos sem-religião. **REVER**, dezembro, ano 7, p. 31-56, 2007.